Poesia e fúria ao som da memória coletiva

Adélcio de Sousa Cruz*

Noite
Que conserva
Orgulhosamente

A despeito de tudo
Um punhado de estrelas
Em cada mão

(Autorretrato, p. 51)

Reler/ler Carlos de Assumpção é sempre um presente envolto num turbilhão de emoções. A voz ancestral e simultaneamente contemporânea, performando versos rápidos, sonoros, cadenciados, pode tirar nosso fôlego, a depender dos ares do dia e/ou da noite.

Curioso notar, entretanto, que em alguns dos poemas a rima se parte ou é quebrada ao final, em tom de mimese daquele dramático momento em que inúmeras trajetórias de nossos ancestrais foram interrompidas, abruptamente, pelo rapto seguido de escravização. O passado que é inalterável, contudo, precisa ser revisitado e comparado aos acontecimentos que, infelizmente, continuam a ecoar e a se reprisarem no tempo presente. Outro ponto crucial à voz poética impressa nos textos é a consciência a respeito do papel do poeta:

Neste mundo

para Luiz Cruz

Neste mundo de homens de aço
Eis o palhaço
A poesia é minha ocupação
É meu pão
Sou poeta louco pobre-diabo
Sou declamador de minha dor
Sou meu irmão irremediável truão

Neste mundo de homens de aço
Sou sim o palhaço
Eu que em difícil missão
Em público desnudo
O coração

(p. 57)

O diálogo com poetas/escritores como Cruz e Sousa, em especial, e Lima Barreto, deixa em evidência o tom de consciência trágica no qual são lançadas todas aquelas pessoas que se mostram abertas e empáticas às dores dos outros. O incômodo maior se dá diante da impiedosa impunidade para crimes que se repetem, se perpetuam em modo de constante atualização. Vale lembrar ainda, o "emparedamento" retratado no ensaio em prosa poética de Cruz e Sousa, somando-se ainda à trajetória de personagens criados por Lima Barreto, como por exemplo, Clara dos Anjos e Isaías Caminha.

Retomo os versos utilizados na epígrafe deste breve texto – "Autorretrato" – nos quais temos a presença da palavra "noite" vinculada ao corpo individual/coletivo da voz que emite os versos, simultaneamente, apontando para cor de pele/etnia, oposição ao dia e esperança (esta última simbolizada pela luz das estrelas). Carregar na pele os tons da noite, pode trazer experiências únicas. Os poemas de Carlos de Assumpção tornam-se passarelas-aquarelas, visitando o passado (distante e recente) e o cotidiano da comunidade negra, além das constantes menções a outras identidades subalternizadas como os povos nativos do Brasil e a população empobrecida econômica e socialmente (campo e cidade), somada ainda aos bilhões de "desvalidos/subalternizados" de todo o planeta (numa referência indireta e fragmentada ao poema "Litania dos pobres", de Cruz e Sousa). A voz poética possui e nos apresenta sua ampla e diversificada consciência.

O título escolhido para a primeira edição da obra poética de Carlos de Assumpção, foi retirado de seu poema mais emblemático: "Protesto". Originalmente, o texto veio ao conhecimento público pela performance do próprio poeta na Associação Cultural do Negro (São Paulo/SP), no ano de 1958, tendo sido escrito dois anos antes, em 1956. Sua publicação, entretanto, ocorreu também em 1958 no livro *Cadernos de Cultura da ACN*. Esse poema em particular, desde sua publicização, percorre gerações do movimento negro brasileiro como referência poético-político-performática. O título "Protesto" pode ser lido como verbo e substantivo, ecoando o rebelado e a "rebeldia" (palavra que também denomina um de seus poemas). Reservo aqui espaço para o trecho no qual a palavra "grito" aparece na estrofe (um quarteto), como substantivo, no plural:

Senhores
O sangue dos meus avós
Que corre nas minhas veias
São gritos de rebeldia
(p. 32)

A necessidade imperativa da performance continuada do ato de gritar e sua materialização no substantivo grito – em modo plural – poderia remeter à estratégia de aliar/encantar/encarnar/conjurar simultaneamente as vozes individuais e coletivas. Alterando a ordem das letras na palavra "grito", surgirá vocábulo capital para a poesia negra/afro-brasileira, africana e suas diásporas: *griots*, os guardiões/narradores/poetas da memória e do saber que fazem do verso oralizado sua melhor e ancestral tecnologia. É sempre tempo de reler/ler os gritos/ritos impressos em versos nesta reunião histórica de rebeldia poético-performática. Especialmente, quando ainda se faz necessário gritar em forma dos seguintes versos, expulsando/dispensando em indignada fúria os pontos de interrogação:

Quem mandou matar Marielle

Quem mandou matar Marielle
A nossa nova Dandara
Quem mandou matar Marielle
A enviada de Ogum

Quem tem ceifado tantos sonhos
Quem tem coberto todo o país

Com tantas mortes sem explicação
Quem tem matado tanta gente inocente e culpada

Há no ar silêncio enorme
Não há nenhuma resposta
Será que a justiça dorme
Ou a justiça está morta
(p. 138)

Referência

ASSUMPÇÃO, Carlos de. *Não pararei de gritar* – poemas reunidos. Organização e posfácio de Alberto Pucheu. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. Edição do Kindle.

---

* Adélcio de Sousa Cruz professor Adjunto do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Federal de Viçosa – UFV e membro da Comissão Editorial que coordena o Portal **literafro** (www.letras.ufmg.br/literafro). Autor de *Narrativas contemporâneas da violência*: Fernando Bonassi, Paulo Lins, Ferrez (Sete Letras, 2012).